

Foucault contra ele mesmo (Introdução)

François Caillat

RESUMO

Tradução de CAILLAT, F. Introduction. In: CAILLAT, F. *Foucault contre lui-même*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 2014, p. 07-19. Tradução e notas: Alessandro Francisco.

Introdução

Michel Foucault se foi em 1984. Deixou uma obra traduzida no mundo inteiro, submetida a mil interpretações, fonte de inspiração para diversos pensadores.

O homem se mostrou na medida de sua obra: complexo e contrastante. Foi ao mesmo tempo militante radical e professor no *Collège de France*, ativista político e filósofo estudioso, vivendo com prazer nas margens e atento a manter um lugar central na instituição. Era um personagem brilhante, incisivo, iconoclasta. Intervindo a partir de sua cátedra como na rua, forjou a figura de um intelectual em sintonia com seu tempo, extraindo de sua experiência pessoal a matéria para reflexões que ultrapassaram sua época e continuam hoje a constituir autoridade.

Michel Foucault jamais sacrificava sua existência concreta pelo mundo das ideias unicamente. Seu itinerário testemunha uma vitalidade transbordante e de um apetite pela renovação. Seria preciso recordar as facetas desta vida intensa, desde a chegada a Paris, no fim dos anos 1940, quando o jovem provinciano integra a *École Normale Supérieure* da rua d'Ulm, até 1984, quando o pensador mundialmente conhecido perece com Aids. Estas três décadas nos fazem atravessar as bibliotecas da Suécia e da Polônia consagradas ao estudo, as revoltas na Tunísia e a agitação na *Universidade de Vincennes*, os cursos do prestigioso *Collège de France* e as lutas ao lado de Jean-Paul Sartre e dos maoistas franceses, sem olvidar os *campi* americanos e os modos de vida gay na Califórnia.

Por meio desta existência movimentada se constrói curso de um pensamento sujeito a variações e, muitas vezes, rejeições, que se desloca de uma disciplina a outra, mudando de perspectiva e de centros de interesse – mas inscrito também numa grande coerência. Em trinta anos, o trabalho de Michel Foucault construiu um percurso múltiplo, plural, de reconhecida originalidade por todos e provavelmente inigualada.

Foucault contra ele mesmo – ou como um grande pensador do século XX conseguiu não dar jamais uma visão congelada dele mesmo e de seus trabalhos.

*

Quatro movimentos, dentre outros possíveis, permitem apreender a dimensão de Foucault. São como vagas, movimentos musicais. Colocam em relação faces antinômicas do homem e de seu trabalho. Dão a ideia de uma incompletude, de uma reavaliação permanente, de um ajustamento orquestrado pelo próprio Foucault. Esta perspectiva não decorre de uma opinião abrupta nem de um julgamento dirigido a partir do exterior. Trata-se de movimentos que Foucault poderia facilmente reivindicar. Confirmam seu gosto pelo movimento e sua recusa das certezas.

VARIAÇÕES SOBRE O PODER

Um primeiro movimento concerne à questão do poder. Esta questão se revela muitocentral. Não que Foucault tenha feito dele o objeto declarado de sua pesquisa, mas porque o poder volta a ela continuamente sob formulações variadas. A questão do poder parece ultrapassar suas intenções, ao ponto de reaparecer ao longo de todo seu trabalho e de se impor quase contra sua vontade. Pode-se dizer: a questão do poder persiste em Foucault.

A este primeiro movimento, “variações sobre o poder”, se dedicam quase todos os trabalhos de Foucault. Vê-se a problemática do poder se deslocar, se reformar, atravessar a maior parte das pesquisas que Foucault conduziu de uma disciplina a outra, da filosofia à história, da psiquiatria à penalidade. Mas não é necessário confrontar todos os escritos. Dois textos são suficientes: a *História da Loucura na Idade Clássica* e *A vontade de saber*. De um a outro, Foucault renova sua análise do poder ao ponto de revirá-la, de invertê-la em seus pressupostos e em suas consequências.

Na *História da Loucura*, publicado em 1961, é uma lógica da exclusão que prevalece. O poder afasta, rejeita, põe às margens as diferentes figuras que deturpam a ordem social: os loucos, os vagabundos, as prostitutas e os homossexuais. Inaugurando a Idade Clássica, o “grande encerramento”¹ põe em cena o poder do negativo e da sombra. Uma parte viva da sociedade é subitamente votada ao silêncio, ao interdito, ao esquecimento atrás dos muros. O poder, na sua força decisória, fende e separa.

Quinze anos mais tarde, em 1976, é, ao contrário, uma lógica inclusiva que parece atravessar *A vontade de saber*. Foucault, analisando o lugar da sexualidade no ocidente, descreve doravante um poder que desenvolve uma vertente positiva. É um poder de incitação. A sexualidade, que se cria erroneamente censurada, rechaçada, tornada tabu,

parece antes encorajada. O poder não interdita o sexo, ele encoraja sua formulação na confiança² ou na confissão, ele organiza uma palavra incessante e produz enunciados de verdade. O poder não exclui, ele constitui.

Da *História da Loucura* à *A vontade de saber*, Foucault transforma, assim, seu ponto de vista e atribui novas modalidades aos dispositivos de controle. De um texto a outro, a questão do poder varia e ganha novo impulso numa problemática renovada.

DO PENSADOR AO MILITANTE

Um segundo movimento, consagrado ao personagem Foucault, mostra que a efervescência não concerne unicamente ao domínio do pensamento, mas se aplica igualmente às ações correntes, à vida cotidiana do filósofo, à sua existência concreta na sociedade num dado período. Pode-se eleger o período 1970-1975, na França, para mostrar que a personalidade de Foucault se inscreve em atividades divergentes, até mesmo contraditórias. Neste segundo movimento, aqui resumido sob o título “Do pensador ao militante”, descobrimos uma figura biface, um personagem duplo, encarnado pela reflexão, de um lado, e pelo ativismo, de outro.

Pensador, Foucault o é em seus escritos e em seu papel de professor, em especial no *Collège de France*, onde ministra seus cursos a partir de 1971. Neste templo da cultura, local elevado das sumidades de sua época, Foucault se avizinha com espíritos reputados por sua ponderação. Mas não é esta imagem polida que o pensador dá dele mesmo. Ele recusa o conforto da palavra e quer descer às ruas. A partir de 1970-1971, Foucault acompanha Jean-Paul Sartre e grupos de militantes de extrema-esquerda na defesa dos imigrantes, no apoio aos trabalhadoressem autorização de imigração, na luta contra as expulsões. Com outros intelectuais, funda o *Grupo de Informação sobre as Prisões* (GIP), que visa a informar o público sobre as condições de detenção e mediatizar os movimentos de revolta dos prisioneiros durante os anos 1971-1972. Foucault intervém também nas ações das comissões “Verdade-Justiça”, instauradas pelos maoístas de *A causa do povo*³ para denunciar os delitos cotidianos do capitalismo. Foucault não é um militante no sentido organizacional do termo, mas analisa, escreve na imprensa, toma a palavra para explicar ou denunciar. Ele intervém nos conflitos em curso, mas também a propósito de fatos diversos como o incêndio dramático de 5-7⁴, em Grenoble, ou o *Caso de Bruay-enArtois*⁵, em 1972. Foucault quer refletir no presente sobre o presente, intervir na atualidade, ancorar seu pensamento na realidade social e política de seu tempo. Nesta

atividade crítica, ele está cercado pelos intelectuais mais engajados de sua época – em especial por Jean-Paul Sartre, a quem se opõe, porém, no plano filosófico, e Gilles Deleuze.

Simultaneamente pensador e militante, Foucault faz coexistir duas maneiras de se implicar no mundo. Defende a concepção de um “intelectual específico”⁶, agindo em um momento e em um lugar dados, intervindo sobre problemas pontuais, por vezes menores, exigindo uma reação local. Tais problemas particulares não chamam sempre uma mobilização geral do espírito, nem exigem a intervenção de um “intelectual total” – este tipo de intelectual, ao qual Sartre se refere, que levaria as mínimas lutas ao nível dos puros conceitos. A posição de Foucault é mais circunstancial. Há nele um gosto pelo presente, que completa ou contradiz a imagem perene que se espera vez por outra de um pensador. Posicionando-se no cerne do acontecimento, na imprevisibilidade, no surgimento imprevisto dos fatos, Foucault corre o risco de se desequilibrar, de pisar em falso, de ir rápido demais ou longe demais, de ter de, em seguida, voltar atrás, contradizer-se, retomar-se ou “desprender-se”⁷ como ele gosta de dizer. Mas isto parece lhe convir. Ele reivindica viver no movimento desordenado do mundo e de si mesmo.

QUE LUGAR PARA O HOMEM?

Pode-se reencontrar traço deste movimento de desprendimento foucaultiano na terceira abordagem, consagrada ao homem. Percebe-se a questão do homem – ou mais exatamente, a questão do sujeito – atravessar seu pensamento segundo modalidades aparentemente contraditórias. Observa-se, por exemplo, como uma balança parece funcionar entre *As palavras e as coisas*, publicado em 1966, e *O uso dos prazeres e O cuidado de si*, estes últimos textos publicados em 1984.

Do primeiro trabalho, se afirmou, quando de sua publicação, que ele manifestava uma posição estruturalista e teorizava a “morte do homem” anunciada por Nietzsche no século precedente. É certo que a análise das diferentes “epistêmes” que se sucederam desde o Renascimento nos domínios da língua, do corpo ou da economia, se inscreve na corrente estruturalista que ocupa a cena parisiense dos anos 1960. A publicação do livro rende a Foucault, ademais, intensas críticas conduzidas pelos partidários da filosofia do sujeito e do pensamento humanista, que veem neste trabalho o equivalente dos trabalhos de Claude-Lévi-Strauss em antropologia, Roman Jakobson em linguística ou Jacques Lacan em Psicanálise. Jean-Paul Sartre ataca o escrito, que julga inapto para pensar a

história e a prática humana, e qualifica seu autor de “último bastião da burguesia”⁸ – o que não impedirá os dois intelectuais de militar dez anos mais tarde, lado a lado, nas linhas da extrema-esquerda...

A crítica de Sartre nos interessa, pois assinala o esvanecimento, em Foucault, de um sujeito cognoscente. Que lugar teria ele, efetivamente, a partir de o momento em que estruturas de saber, inconscientes e coletivas, dispensam o homem de toda intervenção deliberada, de toda criação voluntária, de todo domínio na prática do pensamento? O homem, em *As palavras e as coisas*, é um sujeito construído pela cultura, instruído tanto quanto instrutor, fabricado na medida de seu tempo. Foucault rompe com a teoria clássica do sujeito criador de pensamento. Considera, ao contrário, o homem como uma invenção da história, nascido no século XIX e destinado a desaparecer.

Ora, eis que Foucault, menos de vinte anos mais tarde, parece operar uma reviravolta radical em relação a este livro que provocou tantas polêmicas. *O uso dos prazeres*, seguido de *O cuidado de si*, fez uma descrição do homem na era greco-latina que se assemelha, senão com um sujeito criador, ao menos com um ser que se constrói em modos de subjetivação. Por certo este homem, de que fala doravante Foucault, não é o sujeito cognoscente da filosofia clássica, nem o sujeito mestre de seu devir tal como o descreve o pensamento humanista. Mas é um homem de carne, feito de sensações e de pensamento, do qual Foucault se empenha em nos descrever as escolhas, as preocupações, o cuidado ativo que ele dirige a si mesmo. Neste trabalho sobre a Antiguidade, Foucault restitui ao homem um lugar central em seu dispositivo de reflexão. Infere deste um modo de ser, uma maneira de pensar na relação com outrem, uma forma de implicação no mundo social – outras tantas direções que poderiam perfeitamente se aplicar a cada um de nós hoje. Esta nova problemática vai nutrir sua reflexão até sua morte em 1984.

Em duas décadas, o pensamento de Foucault parece, então, pender totalmente, ao ponto de deixar os leitores da época perplexos ou desamparados. Há, nesta mudança, senão uma contradição, ao menos um reajustamento que fortalece, uma vez mais, a extrema mobilidade da figura do pensador.

UMA VIDA ÀS MARGENS, UM LUGAR NO CENTRO

Um quarto e último movimento descreve as posições contrárias que Foucault sustenta durante trinta anos. Sua vida é dupla, quase fragmentada: conduzida à periferia, distante das normas; instalada na centralidade, em uma relação com o poder.

De um lado, a vida às margens conta o itinerário de um provinciano tímido, sentindo-se cerceado pelo seu meio familiar, rejeitado pelo seu ambiente intelectual na *École Normal Supérieure*, experimentando um sentimento de exclusão nutrido pela extrema dificuldade de viver sua homossexualidade, cometendo tentativas de suicídio e permanecendo em hospital psiquiátrico, decidindo-se tardiamente a viver com ímpeto e brio, à distância da ordem moral e social. Há aí alguns ingredientes de uma vida apaixonada.

Ao mesmo tempo, Foucault jamais renuncia a ocupar um lugar selecionado no dispositivo de produção e de difusão do saber. Ele segue um curso ideal, caminho de excelência dirigido pelas “elites” francesas: *Henri-IV*, ENS, *Collège de France*. Não desdenha os postos de prestígio, que encarnam a centralidade institucional em matéria de saber e de linguagem: adido cultural no estrangeiro, encarregado de missões ministeriais, examinador na ENA⁹; zela cuidadosamente pela difusão de seus trabalhos nas maiores editoras, particularmente Gallimard e Seuil. Ele alcança, assim, este estranho paradoxo de viver de maneira atípica, ao mesmo tempo na margem e no seio de um dispositivo bastante regrado. Ele pode rodar num Jaguar e tomar regularmente LSD, passando seus dias na BNF ou nos Arquivos Nacionais. Ele frequenta os bares gays SM de Paris ou de São Francisco algumas horas após ter pronunciado conferências habitualmente voltadas aos universitários mais guindados. Em suma, ele pratica suficientemente bem o excesso na inteligência e no saber, como na desordem organizada e no fulgor de sua vida.

Foucault, neste jogo bastante aberto entre sua vida privada e o mundo oficial, conduz um *pas-de-deux* subversivo. Lá onde outros teriam escolhido se submeter ou permanecer rebeldes, ele toma partido de não escolher. Mostra que se pode fazer parte do harém e não transmitir seu hábito. Prova que se pode desenvolver distanciamentos sem se marginalizar. Tal posição de liberdade, de recusa das conformidades, pôde, na época, ser objeto de espantos. Como sua morte, com Aids, provocou escândalo. Ela é ainda um sinal de independência intelectual e moral. Foucault jamais cessou de se remodelar, de dar imagens contrárias e desconcertantes de si mesmo.

*

Estes quatro movimentos, dentre outros possíveis, apresentam, como se pode ver, uma confrontação dos contrários, uma *mise-en-scène* de variáveis. Esta perspectiva inexacta é adequada ao anseio de Foucault. O pensador reclamava o direito de se deslocar e de se transformar. Recusava considerar seus trabalhos terminados ou definitivos, preferia falar de *uso* a falar de obra. E de sua vida, pública e privada, não

aceitava que fosse reduzida a uma identidade qualquer, sob penade fazer dela um estado civil para uso policial.

Foucault contra ele mesmo: tal qual ele se quis, e pensou, contra ele mesmo.

¹ N.T. Na tradução brasileira, “grande internação”, cf. capítulo 2 de FOUCAULT, M. *História da loucura*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

² N.T. utilizamos seguidamente as palavras *confidência* e *confissão* para traduzir respectivamente *confession* e *aveu*, uma vez que, na língua portuguesa, usamos o mesmo vocábulo para expressar a confissão que se faz no âmbito da religião, a um sacerdote, e aquela que se faz no âmbito do julgamento de um crime, a um juiz.

³ N.T. jornal criado por George Sand, em 1848, em meio à revolta popular parisiense. Em um segundo momento, de 1968 a 1978, o jornal foi resgatado, relançado em 1º de maio de 1968, por Roland Castro. Alguns meses depois, tornou-se a imprensa da Esquerda proletária.

⁴ N. T. tragédia conhecida pelo nome da discoteca onde ocorreu, a “5-7”, em que um incêndio matou 170 jovens entre 15 e 24 anos, em Saint Laurent du Pont, ocorrido em 1970.

⁵ N. T. caso policial que envolve a morte da adolescente Brigitte Dewèvre, ocorrido em Bruay-en-Artois (hoje Bruay-la-Buissière), em que foram culpados, presos e libertados por ausência de provas o tabelião Pierre Leroy e sua amante, Monique Béghin-Mayeur. O caso tornou-se símbolo da luta de classes, uma vez que Brigitte era de origem humilde.

⁶ N. T. ver FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault. In : FOUCAULT, M. *Dits & écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard/Quarto, 2001, p. 140-160.

⁷ N.T. FOUCAULT, M. *L’usage des plaisirs*. Histoire de la sexualité II. Paris: Gallimard, 2006. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 11. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. No original, p. 15; na tradução, p. 13. Na citada tradução, o leitor encontrará o verbo *se separar* em vez daquele escolhido por nós, qual seja *desprendre-se*, para referir-se ao francês *se déprendre*.

⁸ N.T. ver SARTRE, J.-P. Jean-Paul Sartre répond. *L’Arc*, n. 30, 1966, p. 87-96. Também em SARTRE, J.-P. Jean-Paul Sartre répond. In: ARTIÈRES, P. et. al. *Les Mots et les Choses de Michel Foucault: regards critiques, 1966-1968*. Caen :Presses Universitaires de Caen/IMEC, 2009.

⁹ N.T. *École National d’Administration*, criada em 09 de outubro de 1945, pelo Governo Provisório da República Francesa – presidido pelo General Charles de Gaulle –, que tem o objetivo de selecionar e preparar funcionários da alta administração pública francesa e internacional.